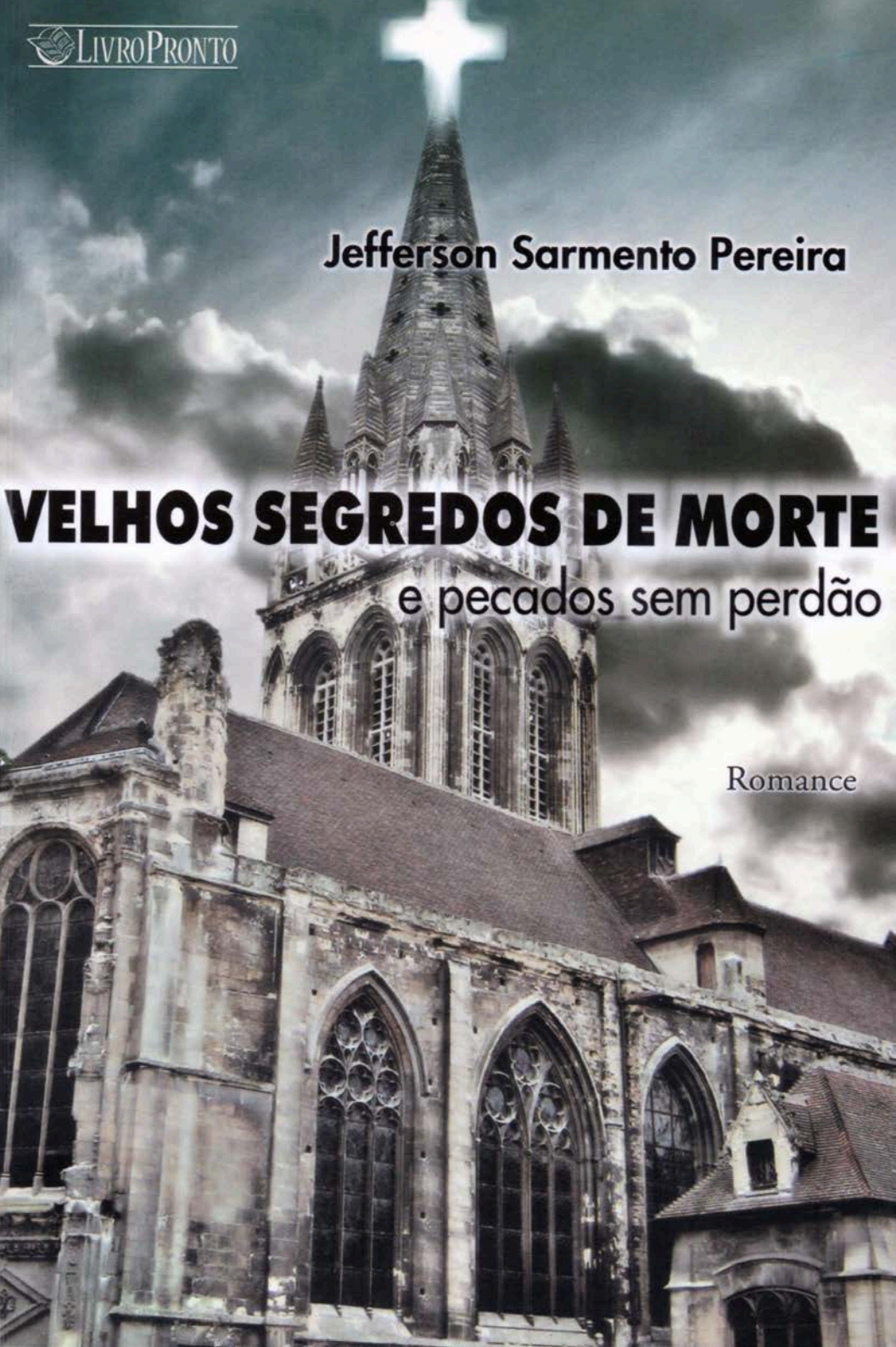


Jefferson Sarmiento Pereira

VELHOS SEGREDOS DE MORTE
e pecados sem perdão

Romance



VELHOS SEGREDOS DE MORTE
E PECADOS SEM PERDÃO

Jefferson Sarmiento

VELHOS SEGREDOS DE MORTE
E PECADOS SEM PERDÃO

Velhos segredos de morte e pecados sem perdão
Copyright © by Jefferson Sarmento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de
responsabilidade exclusiva do autor

Capa
Rodrigo Rojas
(fotomontagem sobre imagem de Stock.XCHNG)

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
Bibliotecários: Andréa Barboza CRB 8/7164

Pereira, Jefferson Sarmento
P436v
Velhos segredos de morte e pecados sem
perdão/Jefferson Sarmento

ISBN 85-98627-47-1
1. Literatura brasileira – romance. I. Título.
CDU 82-31(81)

Rio de Janeiro, 2015
Edição de divulgação – Capítulo 1

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos,
eletrônicos ou outros quaisquer sem a prévia autorização
do autor.

contato@jeffersonsarmento.com

Eu pensei em como as coisas estavam ruins. Tão profunda e irremediavelmente perdidas. Porque remoer perdas era a única coisa que me restava. E nesse instante, cometer um crime de verdade me pareceu uma coisa tão natural quanto a dor somatizada que sentia ao respirar o ar viciado de todas as minhas manhãs de recomeço e resignação.

Sobre Isabel e noites perdidas

.1

Enquanto a noite caía lentamente com a chuva lá fora, molhando as ruas e as árvores ao redor do velho sobrado, a ideia se desdobrava feito um trapo molhado sobre meu espírito, ou um grande mapa rodoviário recém retirado do plástico, cheio de suas tramas de malhas sem fim. Os respingos escorriam pelo vidro, suando o lado de dentro da janela. A luz no poste mais próximo projetava manchas de sarampo escuras no papel de parede atrás de onde eu me sentava imóvel – um velho Rodin de bronze, frio e indelével. Quando as partículas se avolumavam sobre uma única gota, a ponto dela não poder suportar o próprio peso, parecendo uma estrela a meio passo de se tornar um buraco negro, sucumbindo à sombra da própria morte... nesse momento a gota se tornava um bólido de trajetória incerta, escorrendo pelo vidro embaçado da velha janela. Na parede lá atrás, sua sombra parecia uma serpente cruel e venenosa, insinuando-

se pelos motivos desbotados do revestimento: pequenas listras sitiadas de flores minúsculas, sem vida, opacas no papel de parede. A cabeceira da cama, um velho móvel de madeira escura, imponente e abrutalhado, assassinava os rios que eram as sombras vindas da chuva. Ali, eles morriam, desapareciam para sempre atrás da mobília herdada de meu pai.

Na penumbra do quarto em que eu me escondia, sentado numa cadeira de encosto alto, tão velha e forte quanto a cama, mais um corpo respirava. Estava por entre os lençóis e o cobertor. Sua pele alva e macia emergia de alguns pontos e, mesmo sem olhar para ela diretamente, podia imaginar cada curva daquele corpo novo, cheio de vida e de esperanças.

Nomezinho impertinente... *esperança!*

Dos meus óculos sem aros, com as lentes meio embaçadas, sob as mechas de cabelos tomando aquela estranha coloração grisalha (entranha sim, porque apontavam para mim, diante do espelho pequeno sobre a pia do banheiro, condenando-me e ameaçando-me pela apatia dos meus anos e desejos e frustrações), eu imaginava que talvez estivesse fazendo algum mal a ela, a minha Isabel. Sedenta de conhecimento e de prazer, o que mais eu poderia oferecer-lhe, além de amor? Ainda que um amor amargo, sem perspectivas, sem... esperanças. Mas Isabel tinha aquele dom imprudente e cruel de tornar todo mal um troço hediondamente confiável, toda dor em remédio, uma espécie de cura sobrenatural em que eu não me dava o gosto de

acreditar, mas que estava lá!... todo vício em razão de manter o coração batendo, ainda que se lamentando. Embora não acreditasse que ela um dia tivesse sucesso em seu intento, eu esperava... cria, em algum lugar perdido da minha sensatez pragmatista, que talvez estivesse certa. Mas sabia, também... todo amor estava morto: ela jamais poderia revivê-lo em mim.

Não foram grandes tragédias que me tiraram a razão. Foram os longos e sucessivos dias. O inferno não é um grande sofrimento. São lentos e angustiantes pequenos momentos de tédio, de mínimas perdas minando sua... esperança. Um dia, nada mais restou dela. Uma velha casa, uma velha rua, velhas raposas rondando seu quintal e te mantendo acuado. Você comete pequenos delitos, então. Tenta se convencer de que está respondendo a eles, que os está desafiando. Isabel era um desses delitos. Mas... a quem eu feria mais? A mim? A ela? Ao Deus em quem eu deixara de acreditar há tanto tempo que nem me lembrava mais de um dia tê-lo sequer questionado?

.2

Mas antes de qualquer coisa, preciso falar de Isabel. Uma mulher de fascinante beleza, florescendo e recendendo juventude a cada gesto, palavra ou silêncio. Impetuosa, inteligente e cativante. Mas extremamente frágil, se você pudesse olhar de perto. Os olhos castanhos às vezes tremiam nas órbitas, quando se sentia ameaçada. Então ela

devolvia o olhar desafiador que aprendera com a avó, a matriarca dos Constantino. Mas Isabel era, na verdade, apenas um arremedo de Teodora Constantino, de certo que ainda tinha salvação.

Se ela era bonita? De uma maneira viciosa. Seviciadora. Sua beleza causava indignação e inveja. E ela sabia disso, de maneira que tentava diminuir o impacto de sua presença com roupas menos extravagantes, cabelos às vezes desalinhados, uns silêncios encabuladores emoldurados por aquele ar sério. Mas ela, na verdade, não conseguia enganar muito. Era uma mulher belíssima, de longos cabelos castanhos e um sorriso que poderia desarmar um exército.

Havia algo mais que a tornava especial, parte do meu jogo pequeno de aprontar mesquinhas contra aquela corja que eu tanto desprezava. Isabel era casada com Euclides de Rosa Mourão, o neto do velho Coronel, a segunda ponta da tríade que segurava os cordões sobre o Arroio dos Perdidos, minha bela cidade. Meu pobre berço.

Conheci Isabel numa festa regada a vinho caro e petiscos insossos na mansão dos Proença. Era a comemoração pelo aniversário de Cordélia, a mãe de Isabel. Cordélia fora minha colega de turma, na faculdade, um milhão de anos atrás. Uma mulher de semblante altivo, como todas da família, mas um tanto frágil. Mantinha uma postura marmórea, austera, competente e compenetrada, até que se visse pressionada. A pressão não fazia bem a ela. Do alto de seu metro e setenta e cinco, Cordélia primeiro perdia

a calma para o rubor. As faces queimavam, sua boca secava, seu corpo todo tremia. Daí a desmoronar era apenas um segundo. Vi isso apenas duas vezes. Cordélia se tornava uma mulher psicótica e destruída, quando perdia o controle. E Teodora, sua mãe, era sempre o alvo e o motivo de sua derrocada. No fim, não restava sombra sequer da mulher que amei...

Mas não é de Cordélia ou Teodora que quero falar. É de Isabel. Estava linda naquela noite. Eu a encontrei no salão da casa. Seu vestido tinha um quê de discreto. Imaginei, a princípio, que fosse uma maneira de merecer sua mãe (esta, vestida com extravagância e ostentação), mas aprendi, com o tempo, que Isabel preferia, sempre, manter-se à margem, sem ser muito notada.

Fui apresentado a ela por seu pai, nosso excelentíssimo Senhor Prefeito Januário Proença, oriundo da terceira família de fundadores da cidade. Um homem baixo, sem cabelos no topo da cabeça, usando uma ridícula barbicha de Lúcifer. Ele a apresentou como sua pérola única e perfeita naquela casa de egos inflamados. Mais tarde, bêbado e inconsequentemente valente, confessou que era a única mulher que ainda o mantinha na família. Disse isso com uns olhos úmidos e estreitos que, a despeito de sua sinceridade, não deixou de transparecer um sentimento difuso e doentio escondido por trás das inchadas bochechas vermelhas. Estava claro: ele era apaixonado pela filha. Uma paixão mais carnal do que a sobriedade deixaria escapar.

Por volta das dez horas, o bom Januário me levou para uma mesa nos fundos da casa. Isabel e o marido vieram conosco e ficaram por um tempo. Ouvi algumas piadas pesadas e algumas considerações extravagantes sobre política, futebol, mulheres. O genro deu o fora dez minutos depois e nos deixou com Isabel. Confesso que bebi bastante. E vi o velhote e a filha beberem também, sem pudores. Era um dia de festa, ainda que Januário jamais perdesse do rosto aquele ar de fracasso resignado que tinha; considerando que tivesse na cama uma mulher fria e distante, que era ele a ponta menos importante da Tríade das Famílias, que tinha sido testemunha da morte do próprio pai num acidente ridículo enquanto limpava uma espingarda, que mais isso e que mais aquilo...

Uma chatice!

Cordélia apareceu e ficou alguns minutos. Afastou-se quando percebeu que o marido já tinha bebido além da conta. Àquela altura, eu mesmo já estava zozinho o bastante para mergulhar os olhos sedentos no decote pouco ousado de Isabel – o que fazia com que a imaginação tivesse um tanto mais de trabalho que o habitual, deleitando-se num colo de vastos e belos e voluptuosos seios meio escondidos atrás do pano fino do vestido. E também para reparar seu sorriso cativante e sua beleza arredia, mas simples.

Por volta das onze da noite, Isabel me pediu que a ajudasse a retirar Januário da festa antes que fizesse alguma besteira. Nós o levamos para o quarto do casal, nos fundos do segundo andar da grande mansão. Na escuridão que nos

acolhia, derrubamos o prefeito sobre a cama e ela arrancou dele os sapatos sujos. Lá embaixo, no gramado perto da piscina, uma pequena orquestra tocava um *jazz* adaptado de um velho *blues* de Willy Dixon. Um *crooner* de voz suave e melodiosa cantava safadamente que...

I don't want you to be no slave

I don't want you to think you got it made

Do exactly what you wanna do

I just want to make love to you

Januário soltou um arroteo alto, seguido de um ronco. Isabel deu uma risadinha sem graça e se afastou, olhando o pai cair para o mundo dos inconscientes. Eu olhei pela porta entreaberta que dava na sacada para os fundos. Vi as casas que circundavam o grande lago onde desaguava o Arroio dos Perdidos, iluminadas e endinheiradas. O deque depois do jardim dos Proença guardava duas lanchas atracadas. Algumas pessoas se aventuravam por ali, conversando amenidades ou fofocando. Isabel se aproximou e veio ver o mundo lá fora pela porta entreaberta. Uma brisa leve mexeu nas cortinas. Ou era eu quem estava bêbado e vendo o mundo ficar meio torto às vezes?

– Obrigada – ela disse. Sua voz era meio arrastada, mole. Estava tão bêbada quanto eu. Ou eram meus ouvidos?

– Não por isso.

– As pessoas já estavam olhando. Papai, quando bebe...

– Qualquer um quando bebe fala besteiras. Ou faz.

– Ultimamente ele tem bebido demais. Acho que devia se controlar mais. Ele sabe que é fraco para a bebida. Dois goles e... e começa a falar.

– Mas a bebida é mesmo feito uma... porta. Ou... a chave da porta. Depois dela, você pode fazer o que quiser. Você se dá o direito de falar ou assumir qualquer coisa.

Olhei de relance para ela e notei seus olhos fitando meu rosto. Estava séria. Depois sorriu de maneira doce e disse uma só frase.

– Acho que estou bêbada.

I don't want you to bake my bread

I don't want you to make my bed

I don't want you to be sad and blue

I just wanna make love to you

No momento seguinte, eu a encostelava junto à parede ao lado da porta para a sacada, escondidos das pessoas lá embaixo pela cortina. Ela ergueu a perna quase no alto dos meus quadris e levantou a saia. Minha língua

invadiu sua boca sedenta e minha mão direita se enveredou pelo vão das pernas. Encontrei a renda apertada e escorreguei os dedos por ela, tocando a parte macia e úmida entre os pelos crespos, cortados curtos. Ela gemeu e enfiou as mãos por dentro do meu *smoking*. O casaco caiu para o chão. Ela arrancou minha camisa aos puxões. Baixei a parte de cima de seu vestido até a cintura e me delicieei com seus seios perfeitos. Januário mexeu-se na cama, mas nós o ignoramos. E fizemos sexo no chão do quarto, enquanto seu pai dormia a menos de dois metros, a orquestra trocava Willy Dixon por um Jobim menos atrevido, as pessoas brindavam e Cordélia se esbaldava por entre os convidados.

.3

Isabel veio me ver na segunda-feira, depois da festa. Estava um pouco constrangida e acho que veio fazer o estranho discurso da menininha arrependida. *Nunca aconteceu isso antes ou sou uma garota de família, recém casada, tenho apenas vinte e três, blá-blá-blá.* Eu não a deixei sucumbir a esse ponto. Não poderia. Perderia qualquer mínimo sentimento que tivesse por ela. E confesso que não conseguia pensar em nada mais além de Isabel. Gosto de pessoas corajosas e ali estava uma. Fazer o jogo da mocinha bêbada que não reconhece os próprios arroubos de violência e selvageria seria reduzir-se ao que vovó Teodora queria para a filha e, conseqüentemente, para a neta. Lembro de ter me levantado e caminhado até a porta. Eu a fechei devagar, enquanto Isabel se mantinha de pé, perto da minha mesa. Aproximei-

me de suas costas e segurei seu pescoço. Sua cabeça tombou para trás, no meu ombro, e eu soube que ela se entregara.

Depois disso, nossos encontros tornaram-se menos frequentes e perigosos, mas, nem por isso, menos instigantes. Já tentei avaliar a situação de vários ângulos e cheguei à conclusão de que sou uma espécie de válvula de escape. A pressão de ser uma filha Constantino e Proença, esposa de um Rosa Mourão, alguém de quem se espera grandes conquistas ou, pelo menos, a manutenção do nome e do império herdado pelo *Triarvado*, parecia às vezes molestosa, quase insuportável. Além da própria presença da mãe e da avó, em constante conflito. O que aconteceria quando Teodora morresse? Cordélia seria a nova matriarca – porém, uma versão covarde e imprevisível. Esses são os piores algozes. Você pode esperar qualquer coisa deles.

Admito que sou um covarde, motivo pelo qual me encontro onde estou. Mas sou um homem controlado, caso contrário já teria enfiado o pé na lama ou feito uma loucura – do tipo sair atirando pelas ruas, em quem encontrasse. Cordélia é um tipo de covarde mais perigoso. Um tipo sem limites quando é pressionado. Um tipo que leva para a sarjeta quem estiver ao lado. Um tipo que cometeria suicídio, até. Mas mataria a família antes.

Quanto a Teodora... era cruel e arrogante. Outra combinação danada de perigosa, mas, até certo ponto, previsível. Mas Cordélia, ainda que subjugada, certamente representaria um perigo bem maior.

.4

Antes de mais nada, não se engane comigo. Não tenho escrúpulos. Não sou o herói que salva a mocinha no final. Não sou um ideal de decência e virtude. Não tenho taras por alguma ideologia nobre. Nem mesmo a vingança me apetece. Mas a curiosidade, o mórbido desejo de ver o resultado de uma trama sinistra eclodindo sob as papas inchadas da nobreza do Arroio... minha alma pedia por isso, por algo que sacudisse o cobertor macio e calmo sob o qual dormiam meus vizinhos.

Mas, perdido no tédio, dominado por minha covardia, eu apenas esperava...

.5

O sol começou a nascer às cinco e cinquenta e três. Eu o observei erguer-se por trás dos morros e por entre as folhas das árvores da minha rua. Levou cerca de vinte minutos para clarear o dia plenamente. Ele acordou Isabel, que se levantou calada e foi ao banheiro. Quando voltou, beijou meu rosto e perguntou se eu tinha dormido no sofá. Respondi que não. E não estava mentindo. Eu, na verdade, não dormira.

Fiquei contemplando a manhã fresca que se iniciava, observando Isabel cruzar a rua no sentido norte. Ia pegar o carro numa garagem fechada, duas quadras dali. Quando

Velhos Segredos de Morte e Pecados Sem Perdão

chegasse em casa, seu bom marido Euclides iria perguntar como tinha sido seu plantão no centro de pesquisas da faculdade, em Cerro Calina. E ela responderia que correra tudo bem.

JEFFERSON SARMENTO